

Thomas Bey William Bailey / Um Expediente Desesperado

Todo o material de áudio e as notas suplementares foram gravadas e criadas por TBWB em Austin, Texas, entre 2016 e 2017. Fornecimento de Equipamentos e ferramentas por Buchla, PiA, Apple, Ableton, IRCAM, Cycling'74, Arturia, Pittsburg Modular Systems, Audio Damage, Soundhack a.o.

Vozes na faixa 2 (alemão e espanhol) gravadas por Isabel Arquero, em Berlin, verão de 2016. Vocais adicionais na faixa 2 (espanhol mutilado), gravados por Dario Moratilla na Espanha, verão de 2016. Masterização digital e retoques subsônicos na faixa 3 fornecidos por Alex Keller.

TBWB transmite raios coerentes de amor para: Carl Abrahamsson, Ashley Acheson, Daniele Antezza, Isabel Arquero, Rachael Arrighi, Tara Bhattacharya - Reed, J.-P. Caron, Susan Drone, John Duncan, Ludovica Fecarotta, Vanessa Gelvin, Erin Hannan, Henrique Iwao, Alex Keller, Kevin Kovelant, Francisco Lopez, Dario Moratilla, Luca Mortellaro, Rick Reed, James Eck Rippie, Samuel Rohrer, Melissa Seely, Colin Andrew Sheffield, Vanessa Sinclair.

1. Guerra Suja, Mãos Limpas

Durante o conflito de décadas com a insurgência separatista basca ETA (*Euskadi ta Akatasuna*, ou “Terra Natal e Liberdade Basca”), o governo espanhol regiadmente decidiu que o curso de ação mais efetivo seria (de acordo com o então presidente Felipe Gonzalez) “esmagar os terroristas com suas próprias mãos”. Isso significava, basicamente, a criação de grupos como o GAL (*Grupos Antiterroristas de Liberación*), que eram uma imagem espelhada do ETA, em um sentido tático. Tal como a organização a qual era encarregado de lutar contra, o GAL operava aparentemente negligenciando baixas civis, enquanto atacava alvos como hotéis e bares. Em todos os braços da polícia espanhola haviam interseções com a operação GAL, cujo legado em “esmagar terroristas com suas próprias mãos” foi personificada pela forma com que os suspeitos de militância pela ETA José Antonio Lasa e José Ignacio Zabala foram tratados: ambos foram sequestrados, torturados, dopados com drogas psicoativas e eventualmente executados e enterrados apressadamente. As ações do GAL, que incluíam o uso de tortura como um desencorajante contra ações insurgentes futuras, não eram apenas iguais em crueldade e arbitra-

riedade a qualquer coisa que os seus oponentes infringiam, mas também eram, em última instância, sem sentido: a contagem de corpos da ETA aumentou continuamente após o incidente Lasa-Zabala, de 1983.

A contra-insurgência GAL, realizada com o aval do PSOE (*Partido Socialista Obrero Español*) de Felipe González, fornece um exemplo revelador para aqueles que acreditam que há monopólio, por apenas uma orientação ideológica, do uso de tortura para desmoralizar combatentes inimigos.

2. Canción de la Muerte Pequeña

Eu estou ciente de que a música que faço e que eu pessoalmente percebo como uma ferramenta para a auto-interrogação voluntária é vista por outros como um meio coercivo e fisicamente violento de comunicar dominação. Com isso em mente, eu passei algum tempo considerando a relação entre som intenso e tortura, e pareceu lógico que o próximo passo fosse fazer disso o tema de minha música (também convenientemente fazendo dessa nova peça o arremate para uma trilogia de álbuns de áudio que tematizam conflitos). Esta forma da peça resultou das conversas com minha colaboradora espanhola Isabel Arquero, que me lembrou que o 80º aniversário de morte do poeta Federico García Lorca (19 de agosto de 1936) ocorreria próximo à estréia da performance ao vivo dessa.

Fatos recentemente descobertos sobre as circunstâncias do misterioso assassinato de Lorca revelaram um interesse ainda persistente do povo espanhol de confrontar a história da guerra civil espanhola - um conflito, é claro, marcado pelo uso generalizado da tortura. Para esta peça, Isabel contribuiu com declamações de dois poemas de Lorca (um dos quais deu forma ao título), assim como recitações de discursos do período nos quais

os líderes militares explicam o programa que justificaria o uso da tortura como armamento de intimidação.

Minha intenção com “Canción de la Muerte Pequeña” era formar uma ponte temporal entre esse conflito supostamente distante, o qual muito ainda permanece a ser descoberto, e um programa intensamente documentado de tortura iniciado pelas atuais autoridades estado-unidenses. Para esse fim, eu entrelacei na peça pedaços de discursos que lidavam com o “re-empacotamento” da tortura como “interrogação ampliada”, um fato que mostra (conforme reivindica o filósofo John Gray) que a violência humana está diversificando suas aplicações mesmo quando otimistas como Stephen Pinker alegam estarmos virando uma espécie menos violenta, no geral. Talvez minha tese com essa peça seja que a tortura persistente serve a nenhum outro propósito que não brutalizar e intimidar; que o método supostamente mais ético de “interrogação ampliada” como um meio de elicitar “informações estratégicas” é funcionalmente desprezível no modo como causa colapsos neurológicos e resgates altamente confusos de memória nos possíveis informantes. Eu incitaria os ouvintes dessa peça a ponderar

sobre como eles reagiriam se essa mesma música estivesse sendo apresentada a eles como uma arma de interrogação ao invés de como uma performance artística - iriam as enxurradas de lamentos sonoros arenosos e balbucios disorientadores/halucinatórios agir como um soro auditivo da verdade, or meramente enviar o ouvinte mais profundamente para um reino de completa dissociação?

3. Os Experimentos Exigem que Você Continue

Os experimentos de Stanley Milgram sobre obediência à autoridade, conduzidos no início da década de 60, continuam a prover alguns dos mais importantes clarões sobre a natureza da complacência - particularmente a complacência com comandos para torturar ou causar coação extrema mesmo quando não há um objetivo claro para o fazer.

Os experimentos infames de Milgram na universidade de Yale, na sua variante mais simples, envolviam um sujeito de teste, um ator reivindicando ser um “experimentador” autorizado e um cúmplice fingindo receber choques elétricos quando o sujeito de teste era ordenado pelo “experimentador” para administrá-los. Dentro do ambiente experimental, o cúmplice / “aprendiz” receberia choques pela sua incapacidade de memorizar adequadamente pares arbitrários de palavras, e os choques iriam aumentar em intensidade com cada falha sucessiva até que uma voltagem máxima de 450V fosse aplicada.

Os resultados gerais de Milgram mostraram uma tendência acentuada dos sujeitos a aquiescer às exortações do experimentador de que o

“experimento continue” mesmo quando era claro que o aprendiz pedira que o procedimento fosse interrompido. Oposição tinha ocorrido em casos excepcionais (por exemplo, em variantes em que o experimentador saía da sala, ou quando ele perdia seu uniforme de “autoridade” - uma bata branca de laboratório), mas em sua maior parte, os sujeitos de teste não questionavam acerca, por exemplo, do propósito do experimento, ou a quem o experimento pretendia servir. O que Milgram chamou de “estado agêntico” - no qual indivíduos não mais vêem a si mesmo como autônomos, mas como agentes passivos a executar diretrizes de outros - pareceu ser largamente responsável pelo comportamento dos sujeitos nesses experimentos. A saber, a consciência foi vista como sendo “reduzida, quando da entrada na estrutura hierárquica”: dentro dessa estrutura, ganhar a aprovação de outros acima na estrutura supera ser misericordioso àqueles que estão gritando por alívio.

É fácil, ao observar a história recente, notar que a figura do “experimentador” está ainda muito presente entre nós, e que ela tem êxito não através da ameaça aos subordinados de retribuição por não-cumprimento, mas simplesmente por ocupar uma posição “respeitada”

dentro de uma hierarquia estabelecida.

“A punição ao aprendiz contrai-se até tornar-se uma parte insignificante da experiência total, uma mera glosa nas complexas atividades do laboratório...”

Leituras Adicionais

- Gray John. "Torture: a Modest Proposal". Em *Heresies: Against Progress And Other Illusions*. Granta Books, Londres, 2004.
- Milgram, Stanley. *Obedience to Authority: the experiment that Challenged Human Nature*. Harper Perennial, Nova York, 2009.
- O-Mara, Shane. *Why Torture Doesn't Work: the Neuroscience of Interrogation*. Harvard University Press, Cambridge, 2015.
- Woodworth, Paddy. *Dirty War, Clean Hands: ETA, GAL and Spanish Democracy*. Cork University Press, Cork, 2001.

Originalmente: Thomas Bey William Bailey: A Desperate Expediency booklet. Seminal Records #045. Tradução: Henrique Iwao.